



UM BREVE ENSAIO ACERCA DA CRÍTICA CULTURAL NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA: ONTEM E HOJE

Nabor Jr¹

Resumo: O presente estudo o objetivo de argumentar como os negros se organizaram em coletivos que estruturam a inserção social deste grupo por meio da imprensa negra paulista, através da publicação de editoriais impressos e eletrônicos em massa. O artigo percorre a história da imprensa negra paulista, desde o século XIX, chegando ao novo milênio, com a representação de mídias atuais como a do Geledés que buscam constituir-se como um espaço de produção de pensamento, em que o negro seja tratado com dignidade e que quantitativamente espelhe a sua hegemônica presença na sociedade brasileira.

Palavras-chave: imprensa negra; Teatro Experimental do Negro; coletivo negro.

A BRIEF TEST ABOUT CULTURAL CRITICISM IN THE BLACK PRESS OF SÃO PAULO: YESTERDAY AND TODAY

Abstract: The present study aims to argue how blacks organized themselves into collectives that structure the social insertion of this group through the black press in the state of São Paulo, through the publication of mass print and electronic publishing. The article traces the history of the black print of São Paulo, from the nineteenth century, reaching the new millennium, with the representation of current media such as the Geledés that seek to constitute as a space for production of thought, in which the Negro is treated with dignity and that quantitatively mirrors its hegemonic presence in Brazilian society.

Keywords: black imprint; Black Experimental Theater; black collective.

UN BREF ESSAI SUR LA CRITIQUE CULTURELLE DANS LA PRESSE NOIRE DE SÃO PAULO: HIER ET AUJOURD'HUI

Résumé: Cette étude vise à argumenter comment les noirs s'organisèrent en collectifs qui structurent l'insertion sociale de ce groupe au moyen de la presse noire de São Paulo, par la publication d'éditoriaux imprimés et de l'électronique en masse. L'article passe par l'histoire de la presse noire de São Paulo, depuis le XIXe siècle, atteignant le nouveau millénaire, avec la représentation des médias actuels comme celui de la Geledés que cherchent à se constituer comme un espace de production de pensée, dans lequel le noir soient traité avec dignité et que quantitativement réfléchisse sa présence hégémonique dans la société brésilienne.

Mots-clés: presse noire; Teatro Experimental do Negro; collectif noir.

UN BREVE ENSAYO ACERCA DE LA CRÍTICA CULTURAL EN LA PRENSA NEGRA PAULISTA: ONTEM Y HOY

Resumen: El presente estudio tiene el objetivo de argumentar cómo los negros se organizaron en asociación que estructuran la inserción social de este grupo por medio de

¹ Jornalista especializado em jornalismo cultural e fotógrafo. Fundador e diretor da revista O Menelick 2º Ato também trabalha no Núcleo de Comunicação do Museu Afro Brasil, em São Paulo. *E-mail* contatoabpn@gmail.com



la prensa negra San Pablo en Brasil, a través de la publicación de editoriales impresos y electrónicos em media. El artículo recorre la historia de la prensa negra de San Pablo, desde el siglo XIX, llegando al nuevo milenio, con la representación de medios actuales como la del Geledés que buscan constituirse como un espacio de producción de pensamiento, en el que el negro sea tratado con dignidad y que cuantitativamente refleja su hegemónica presencia en la sociedad brasileña.

Palabras-clave: prensa negra; Teatro Experimental del Negro; asociación negra.

A primeira metade do século XX em São Paulo foi marcada, entre outros importantes acontecimentos, por uma atuação organizada de grupos e indivíduos negros contra a discriminação racial.

O café enriquecendo o Sul do país fez com que as cidades ganhassem importância socioeconômica. Na mesma época começaram a surgir associações voluntárias de negros destinando-se a promover atividades recreativas para seus associados. Eram associações essencialmente urbanas existindo tanto nas grandes quanto pequenas cidades, principalmente no Estado de São Paulo. Afirmavam dupla finalidade: uma que podemos chamar de ‘mundana’, consistindo em organizar bailes e recepções para seus associados; e outra que seria ‘cultural’, buscando alargar a instrução e os horizontes mentais dos negros com o fito de auxiliá-los em sua ascensão sócio-econômica. Do ponto de vista das realizações, a atividade lúdica parece ter superado sempre a atividade cultural. (Ferrara, 1986. p.49).

Neste período, a atuação coletiva está, aliás, já observada em maior volume e com propósitos semelhantes em diversos outros períodos do século XIX no Brasil, conforme o depoimento a seguir:

São Paulo era uma cidade cosmopolita, de minorias raciais e nacionais, com colônias alemã, espanhola, italiana, etc., que tinham seus jornais e sociedades fortes. O negro então fundou seus jornais e sociedades para fazer, também, suas reivindicações. (Depoimento de José Correia Leite concedido a Miriam Nicolau Ferrara)

Uma das iniciativas mais inspiradoras promovidas por setores da comunidade negra paulista nas décadas que procederam a Abolição da Escravatura (1888) foi a criação de uma série de iniciativas editoriais de revalorização da própria etnia do grupo em um movimento que produziu quase quatro dezenas de veículos impressos e que mais tarde, ganhou o nome de Imprensa Negra Paulista.



A respeito das características editoriais dos jornais da imprensa negra paulista, o sociólogo francês Roger Bastide, um dos pioneiros na pesquisa desta imprensa, diz no estudo *A imprensa negra do Estado de S. Paulo* (1951):

[...] É uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor. É uma imprensa adicional. Esses jornais procuram, primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros. É, pois, um órgão de educação. É um órgão de protesto; para lutar contra o preconceito, o negro terá que se insurgir e o jornal servirá para fazer ouvir o seu protesto. (Bastide, 1951. p.51)

Desde o nascimento do jornal *O Menelick*², em 1915, marcando o início deste período da atuação negra paulista por meio de seus próprios periódicos, até os dias de hoje, o mundo mudou, e com ele muitas transformações ocorreram nos mais variados aspectos da vida humana. Entre elas, conquistas que proporcionaram uma maior capacidade de tecermos reflexões críticas sobre a nossa existência enquanto homens e mulheres negros na sociedade em que vivemos.

Em termos práticos, porém, de que maneira essas transformações e mudanças, aceleradas (juntamente com a entrada do século XXI, que paralelamente aumentou, em partes, o número de negras e negros nas cadeiras universitárias, o acesso a informação que ampliou as possibilidades de adquirirmos conhecimentos outros), vem sendo acompanhado pela imprensa negra paulista contemporânea?

PARALELOS E CONVERGÊNCIAS

Roger Bastide no estudo *A Imprensa Negra no Estado de São Paulo* (1951), e Miriam Nicolau Ferrara na pesquisa *A Imprensa Negra Paulista: 1915 – 1963* (1986), apontam, por sua vez, o jornal *O Menelick*, fundado em 1915, como o pioneiro da imprensa negra paulista por inaugurar uma linguagem editorial e uma padronização no discurso que fora seguida por outros periódicos surgidos a sua luz. “Nos jornais do primeiro período (1915-1923) é dada ênfase à solidariedade entre as sociedades dançantes e os grêmios tendo como consequência um apelo para a união entre os próprios negros. (...) Por último, neste mesmo período, protesta a imprensa negra contra a situação sócio-político-econômica de vida do povo em geral. Até que em 1923 encerra-se o primeiro período da imprensa negra paulista, com o surgimento do jornal *O Getulino*. A partir daí, as reivindicações e o desejo de participação irão ganhar força, é quando se inicia o segundo período, que vai de 1924 a 1937”.²



Os primeiros periódicos da imprensa negra paulista surgiram, em sua maioria, do seio de associações culturais e grêmios recreativos da comunidade negra. Processo semelhante – ou seja, o negro se organizando e procurando um reencontro com suas origens étnicas ou lutando, através de organizações e coletivos para a sua plena inserção social, acompanhou as iniciativas editoriais da imprensa negra ao longo das décadas desde então. Assim, também a partir da formação de grupos oriundos da sociedade civil, os primeiros anos do século XXI registram em São Paulo, fenômeno semelhante ao ocorrido na primeira metade do século passado. A diferença entre os dois movimentos está na plataforma utilizada como meio para a divulgação das ideias do grupo, com a maciça produção de periódicos impressos dando lugar a iniciativas que se concentram quase que em toda a sua totalidade no meio virtual.

Outrora representada pelas páginas de títulos como O Menelick (1915), A Liberdade (1918), O Kosmos (1919), O Clarim d'Alvorada (1924), Tribuna Negra (1928), A Voz da Raça (1933), Senzala (1946), Notícias de Ébano (1957), entre outros, atualmente, a imprensa negra paulista manifesta-se através de iniciativas como Geledés, CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade), Portal Áfricas, Blogueiras Negras, Revista O Menelick 2º Ato e Blog do Negro Belchior. Em comum, os veículos deste novo milênio buscam preencher o vazio da sub-representação oferecida pela mídia hegemônica de maneira geral. Ou seja, buscam constituir-se como um espaço de produção de pensamento onde o negro seja tratado com dignidade e que quantitativamente espelhe a sua hegemônica presença na sociedade brasileira.

Assim, ao traçarmos um paralelo entre a produção de informação por meio de jornais e revistas produzidos na primeira metade do século XX com as iniciativas atuais, observamos que, inserida no contexto da “cultura de massa”, a crítica cultural na imprensa negra (como resultado de um fenômeno que também acomete a imprensa de maneira geral) ainda apresenta tímida relevância social, demonstrando apenas um resquício fragmentado do debate que poderia protagonizar. Visto, especialmente, a quantidade e a qualidade da produção cultural afro-brasileira nos campos da música, literatura, teatro, cinema, artes plásticas, fotografia, gastronomia, moda e televisão.

Vale ressaltar que a crítica, no princípio, fora concebida como um espaço voltado para o debate cultural, uma vez que a mesma age como forma de legitimação de



sujeitos discursantes, de conceitos relativos à opinião pública e, por fim, de práticas culturais enraizadas no histórico socioeconômico de cada época.

Na edição 31 do jornal *O Clarim d'Alvorada* (Órgão literário, noticioso e humorístico, publicado em 17 de abril de 1927), observamos um texto assinado por Horácio da Cunha, com o título *Os pretos e a música*. Conforme outras raras incursões no campo da produção musical pelos jornais da imprensa negra do período, este texto também não pretende inaugurar um debate, ou construir relações como sugere a chamada para o artigo. Contudo, ao utilizar a música clássica como pretexto para enfatizar a importância da união da raça em prol do bem comum de toda uma comunidade, Cunha (1927) acaba por exaltar a capacidade erudita dos negros na música, ressignificando e valorizando a competência musical destes:

Tendo lido há tempos uma chronica no Jornal do Commercio, que uma pessoa interpelou um ilustre maestro de musica, desejando saber qual era a sua opinião sobre o Jazz-Band, o maestro depois de fazer varias considerações sobre a musica clássica, terminou dizendo: 'O Jazz-Band é musica de negro!'. Desculpe ilustre maestro da réplica deste desprezioso negro Brasileiro. Chegando em Pariz, uma caravana de musicos Americanos, com um Jazz-Band, cujos instrumentos excêntricos, compondose de: Bozina de automóvel, Campainha, Lata de Kerozene, Chacoalho, etc. Pariz a cidade da luz das belezas, das musicas e dos luxos. Pois bem; Pariz, applaudiu com entusiasmo o Jazz-Band. D'alli esses instrumentos invadiram todas America do Sul. Aqui, em nossa Pauliceia, essa musica teve a maior aceitação, nos salões, e em casas das mais distintas famílias da capital e do interior: é Jazz-Band ao almoço, ao jantar, ao chá e à ceia. Portanto, essa musica não é só para o negro como dissera esse ilustre maestro. É somente para famílias de bom gosto que estão sentados em Cruzeiros. Nós, os pretos brasileiros, sempre fomos apreciadores da musica clássica; e com orgulho da nossa raça negra, podemos apresentar diversos músicos pretos que muito honraram e honram ainda a nossa raça. Como o padre preto, José Maurício Nunes Garcia, o grande músico da Corte de D. João VI, quando Mauricio sentava ao piano para a sua execução os portugueses ficavam extasiados; José Patrício, o grande musico da cidade de Santos; Manoel dos Passos, Carlos Cruz Verrísimo Gloria, Custodio dos Passos e muitos outros que existem ahi pelo interior do nosso glorioso estado de S. Paulo. (*O Clarim d'Alvorada*, 1927)

No início da segunda década do século XXI, ainda no campo da música, porém, com maior frequência de publicações e interesse pelo tema, podemos observar artigos publicados na revista *O Menelick 2º Ato*. Por se valer da colaboração de pesquisadores,



especialistas e profissionais negros das mais variadas áreas, com familiaridade prática e teórica acerca das diversas manifestações artísticas, esta publicação, surgida em 2010 com o discurso de dar prosseguimento à trajetória iniciada pelo jornal *O Menelick*, vem buscando estimular a reflexão de seus leitores sobre a presença negra na música clássica e erudita contemporânea por meio de artigos como *Tiganá Santana – Filosofia Kalunga em Deságue*, assinado pela antropóloga Luciane Ramos-Silva, na edição número 16, de junho de 2015, conforme podemos observar no seguinte trecho:

Transitando em grafias da academia e das artes, o músico desenvolve pós-graduação no departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – esmiuçando o pensar proverbial Bantu na obra do congolês Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau (1934-2013), referência da moderna escola de pensamento Bantu-Congo. (...) A música de Tiganá está no mundo. Sem pertencimentos essencialistas abre possibilidades para uma obra de inspirações múltiplas que não perde os fios dos mares que o liga (nos liga) às Áfricas. Seu discurso chega com a dignidade daqueles que têm consciência e afeto por seus alicerces familiares e ancestrais. Sua erudição desconcerta qualquer visão eurocêntrica que auferir aos artistas negros apenas o valor do inato, do negro-máquina. Seus 32 anos acumulam saberes que vem de longe num cultivo que se aprofunda nas filosofias, ciências, estéticas que germinam nas formas africanas de concepção de mundo. Num Brasil que insiste em reforçar que a fonte da ciência são as terras europeias, esse *upload* é sempre bem vindo. (Revista O Menelick 2º Ato, Ano V, Edição 016. 2015)

Apesar da pouca presença da crítica cultural nos periódicos da imprensa negra paulista na primeira metade do século XX e nos anos subsequentes, o texto publicado em *O Clarim d'Alvorada* não é um caso isolado. O esforço das publicações em diversificar suas áreas de atuação com o intuito de informar e atender uma heterogênea e jovem comunidade negra paulista, também não se trata de um caso isolado.

Na edição de julho de 1960, o jornal *Níger* (publicação a serviço da coletividade negra), por exemplo, publicou na coluna *Um pouco de tudo e de tudo um pouco*, o texto *A respeito do TEN-SP*, onde o autor, não identificado, discorre sobre a criação do Teatro Experimental do Negro em São Paulo. Também neste texto, a preocupação do jornal está mais em informar seu leitor sobre a existência e atuação da companhia, com ênfase no que hoje entendemos como prestação de serviços:

A História do Teatro Experimental do Negro de São Paulo começou há quinze anos, quando um grupo de intelectuais negros reuniu-se para formar um grupo de atores negros a fim de que este grupo de atores negros rompesse com a tolice



até então reinante no teatro brasileiro: de se mascarar atores brancos para os papéis que pediam um negro. Da formação do Teatro Experimental do Negro, tiveram participação ativa o poeta Lino Guedes, o já desaparecido ator Agnaldo Camargo e o jornalista Geraldo Campos de Oliveira, braço forte do grupo e que durante vários anos tem liderado o movimento. [...] O TENSF mantém desde 1955 um coral declamatório, e já apresentou os seguintes programas: *Alama do Eito, Negro, Urucungo, África, Inspiração, Novena, Rua de Pobre, Roteiro para o Poema Universal*. Interessante observar a legenda da foto que ilustra o texto, demonstrando o interesse dos editores da publicação em fomentar o grupo teatral perante seus leitores: Essa pitoresca fotografia mostra artistas do ‘Teatro Experimental do Negro’ de São Paulo, na interpretação da coletânea de poemas ‘Inspiração’, levada com êxito no Teatro João Caetano, na Sede do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil e outras casas. (Jornal Níger, 1960. Ano I, N°1

Em outubro de 1957, o jornal *Notícias de Ébano* (Órgão noticioso do “Ébano Atlético Clube), da cidade de Santos, com o propósito de agregar valor a Semana José do Patrocínio, atividade promovida pela própria organização responsável por gerir a publicação, dedica considerável número de colunas para contar a biografia da atriz Ruth de Souza. Apesar da ausência de uma análise crítica sobre a performance dramatúrgica da atriz, ou de uma reflexão sobre os tipos de papéis por ela interpretados, o texto cumpre bem a função de traçar um perfil da artista. Isso, porque uma série de informações interessantes e curiosas sobre a trajetória de Ruth são apresentados. Estes fatos acabam agindo como estímulo aos jovens leitores e leitoras desejosos em seguir trajetória semelhante:

Desde criança Ruth de Souza sonhava em representar, mas no colégio a professora foi de opinião que ‘amor ao teatro não era boa coisa’ não consentindo que ela tomasse parte em espetáculos infantis. Mas o sonho e o ‘amor ao teatro’, continuaram e, assim, ingressou no elenco do Teatro Experimental do Negro onde interpretou várias peças com grande sucesso, chamando a atenção da crítica para seu nome. Nos ‘Comediantes’ fez o papel de Joana na peça extraída do romance de Jorge Amado ‘Terras do Sem Fim’ que foi transposta para o cinema onde recebeu o título de ‘Terra Violenta’ e, neste filme, Ruth de Souza interpretou o mesmo personagem que criara no teatro. Desde então vem dividindo duas atividades entre o palco e os estúdios. Ainda no Rio de Janeiro tomou parte nos seguintes filmes: ‘Falta alguém no Manicomio’, ‘Também somos irmãos’ e ‘Aglaiá’. Em 1950 veio para São Paulo a convite da Vera Cruz a fim de entrar no filme ‘Terra sempre terra’, onde sua interpretação do papel de Bastiana lhe fez merecer o Prêmio da melhor coadjuvante do ano (1951), conferido pela Associação dos Críticos Cinematográficos do Rio de Janeiro. Imediatamente depois, tomou parte no filme ‘Angela’ que lhe mereceu o Prêmio Governador do Estado de São Paulo como ‘atriz coadjuvante’. Seu trabalho em teatro e cinema chamaram a atenção



da Rockefeller Foundation, dos EUA, que lhe proporcionou uma bolsa de estudos naquele país, para onde viajou em setembro de 1951. Durante 10 meses estudou em Karamu House, em Cleveland (Ohio) onde se tomou parte em diversos espetáculos. Fez o principal papel feminino da peça ‘Dark Gunman’, ‘A Street Scene’ e ‘Porgy’. Atuou ainda em diversas cidades norte americanas e seu talento foi comentado em termos altamente elogiosos pela crítica especializada do país.

Nascida em 2015, na cidade de São Paulo, a revista *Legítima Defesa* (Uma Revista de Teatro Negro e iniciativa da Cia). *Os Crespos de teatro*, também podem ser entendidos como uma consequência contemporânea dessas primeiras inserções, na imprensa negra paulista, do negro enquanto sujeito protagonista da cena dramaturgicamente nacional, e obviamente beneficiários, enquanto coletivo de teatro, de iniciativas como o TEN (1944), o Teatro Popular Brasileiro (1950) e o Teatro Profissional do Negro (1970).

Com periodicidade anual, a revista *Legítima Defesa* vem, por meio de um profundo investimento intelectual, conseguindo discutir critérios estéticos e políticos do Teatro Negro nas diásporas, possibilitando a inscrição e historicização dos processos artísticos além de estimular o debate crítico em torno do tema, como podemos observar no texto *A Cena preta do teatro contemporâneo no Brasil*, assinada pela pesquisadora Renata Felinto:

Se os grupos e coletivos de teatro formados majoritariamente por atores e atrizes “eurodescendentes” não incluem, em sua maioria, colegas de profissão negros e negras em seus elencos com assiduidade, como uma prática natural e sequer possuem o interesse ou sensibilidade de realizar pesquisas e montagens que tragam à público esse “Eu” criativo afro-brasileiro, é legítimo que se formem grupos e coletivos de Artes Cênicas encabeçados e constituídos somente por afrodescendentes. Os mesmos desejam ver e rever, pensar e repensar suas realidades históricas a partir de si e de seus semelhantes. Se o teatro (branco) fala de si, o teatro negro também o faz. E não seja entendida aqui uma estratégia para apartar ou excluir, todavia, uma forma de se contemplar, se apreciar. E, ponderando sobre o Brasil, país continental, como será que esses grupos e coletivos de teatro tem discutido e apresentado a estética negra? Este texto pretende debruçar-se sobre a apreciação das várias cores e pigmentos que compõem a paleta do que é ou poderia ser compreendido como estética negra. Mas, primeiramente, para discutir o hoje, revisitemos a terminologia estética e os princípios do teatro feito por afrodescendentes no Brasil. (Revista Legítima Defesa, 2014. Ano I, Nº1)



Os coletivos cênicos da cena preta contemporânea brasileira não são mais compostos por elencos recrutados “entre operário, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida e modestos funcionários públicos, conforme ocorreu, num primeiro momento, com o TEN, o qual tinha entre seus objetivos, para além das ambições teatrais, a alfabetização e a conscientização de seus membros” (Felinto, Revista Legítima Defesa, 2014. p.27) .Esses coletivos encontram-se numa fase ímpar da profissionalização, do interpretar e dos estudos mais profundos acerca da construção do texto cênico, das questões que norteiam as escritas a serem encenadas, da remuneração por este labor artístico, da pesquisa de textos e peças fundamentais da área de Artes Cênicas.

As atrizes e os atores são formados na tradição clássica do teatro, oriundos das melhores universidades e escolas de Artes Cênicas do país. Tal ensino, por vezes, hermético, não considera as realidades e origens de seus múltiplos alunos, pois incorporaram as suas negras vivências e negros anseios, envoltos em conhecimento histórico, político e artístico. E para coroar este momento histórico, eles também estão preocupados com uma produção escrita que registre o desenvolvimento dos afrodescendentes e de suas investidas no universo teatral. Como guardiões e guardiãs que salvaguardam um precioso legado, de fato, essa nova geração valoriza o negro e a sua história e criou uma dramaturgia que abarca muitas das premissas fundadoras do TEN.

De modo geral, os espaços de reflexão na imprensa negra paulista que permitem mergulhos mais profundos no que tange a crítica cultural, são desenvolvidos com maior fluidez nas áreas autorais de *sites*, *blogs*, portais e veículos impressos, sendo que, na grande maioria das vezes, essas análises aparecem de forma isolada, geralmente, assinadas por colunistas, não representando efetivamente uma “missão” dos veículos.

Em São Paulo, apesar da atuação competente de iniciativas como Geledés, CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade), Portal Áfricas, Blogueiras Negras, *Blog do Negro Belchior* entre outras, a exceção a este cenário pode ser observada nos esforços empreendidos pelas publicações *Legítima Defesa* e *O Menelick 2º Ato*, que se dedicam com maior periodicidade e afinco a ampliação do debate entorno da produção cultural afro-brasileira e da diáspora africana. Apesar de



também haver críticos que, especialmente por meio de suas páginas sociais, se situam a meio caminho entre o ensaísmo e o resenhismo (Alexandre Araújo Bispo, Cidinha da Silva, Allan da Rosa, Ana Lira, Djamilia Ribeiro, Lazaro Ramos). O que se observa nos dias de hoje ainda, é uma distância entre a crítica midiática, de caráter utilitário, e a crítica acadêmica, intelectual, destinada à reflexão, mas fatalmente fechada ao ambiente universitário.

Diante deste cenário, a conclusão a que chegamos é que os produtos da cultura precisam ser tratados como práticas sociais. Dessa forma, o objetivo de uma análise crítica será também desvendar as condições histórico-raciais-sociais em que determinada obra se insere.

A cultura deve ser sempre entendida como um emaranhado de relações sociais que podem — e devem — fazer parte do debate cultural. Por conseguinte, a crítica também deve ter uma função ativa no ciclo de produções culturais. Ela deve abrir espaço para que a discussão seja ampliada, ao mesmo tempo em que pode contribuir para alimentar a produção cultural. Apenas dessa forma, crítica se desloca para uma esfera própria, separada da lógica publicitária, assistencialista (do ponto de vista da camaradagem) e da fragmentação generalizada para se inserir no cotidiano da sociedade.

A perda da função social da crítica não pode ser tratada como “natural”, inerente à estrutura capitalista. A partir de outros modelos existentes, dentro e fora do país, em outras épocas ou até mesmo atualmente, fica claro que nem sempre isso aconteceu e que não é necessário que hoje isso aconteça.

Cabe valorizar iniciativas que sejam por meio de colunistas ou textos da redação, estimule o debate crítico, a reflexão sobre temas argilosos relacionados à produção cultural afro-brasileira e que não encontram campo para discussão da mídia hegemônica. O passado e o presente da imprensa negra paulista mostram que é possível veicularmos tais conteúdos capazes de transgredir fronteiras numa perspectiva ampla da sociedade negra moderna. A mídia pode e deve ser um espaço de empoderamento e reflexão para que possamos ter uma sociedade capaz de enfrentar os desafios cotidianos.

REFERÊNCIAS



BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Boletim CXXI*. Sociologia nº 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série, 1951. págs.51,53,54,150,157

FERRARA, Miriam Nicolau. *A Imprensa Negra Paulista (1915 – 1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986. págs.49,50,51,52. Dissertação de Mestrado ao Departamento de Ciências Sociais – FFLCH/USP, 1981)

MOURA, Clóvis. *Organizações negras. São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis, Vozes, CEBRAP, 1980. p.44, 150,157,158,159.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Coletividades negras. Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. *Revista Ciência e Cultura*, 29 jan, 1977. Vol.19, p.653)

Roger Bastide no estudo *A Imprensa Negra no Estado de São Paulo (1951)*, e Miriam Nicolau Ferrara na pesquisa *A Imprensa Negras Paulista: 1915 – 1963 (1986)*

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017